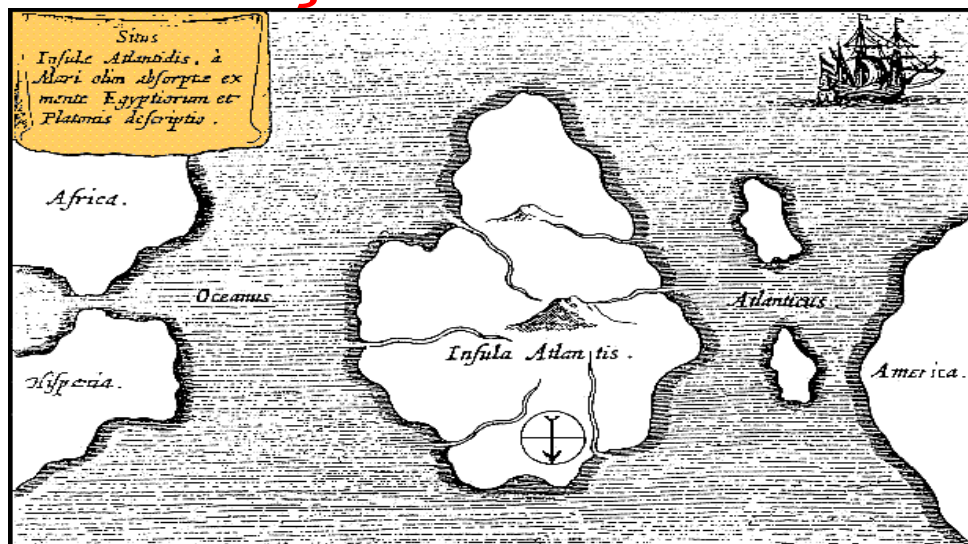


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS



CADERNO Nº 14 março 2012

DEDICADO A MARIA DE FÁTIMA BORGES

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia (Chrys Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

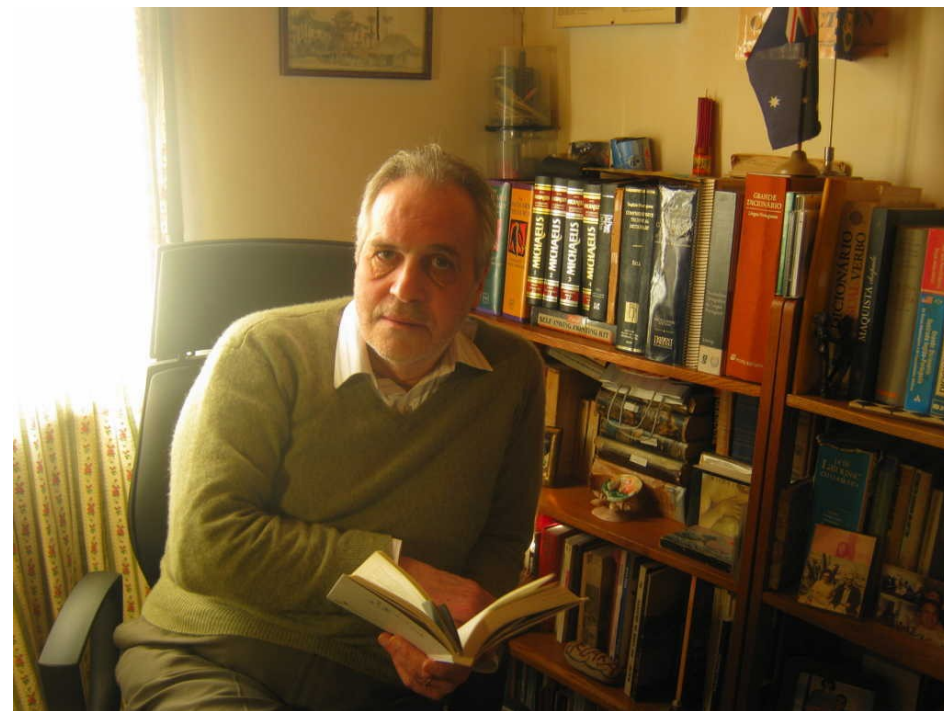
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto outubro de 18**)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRISTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, **servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma **publicação trimestral** que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “**9 ilhas, 9 escritoras**”. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana “*enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)... “*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados²», e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “**CHRÓNICAÇORES** (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

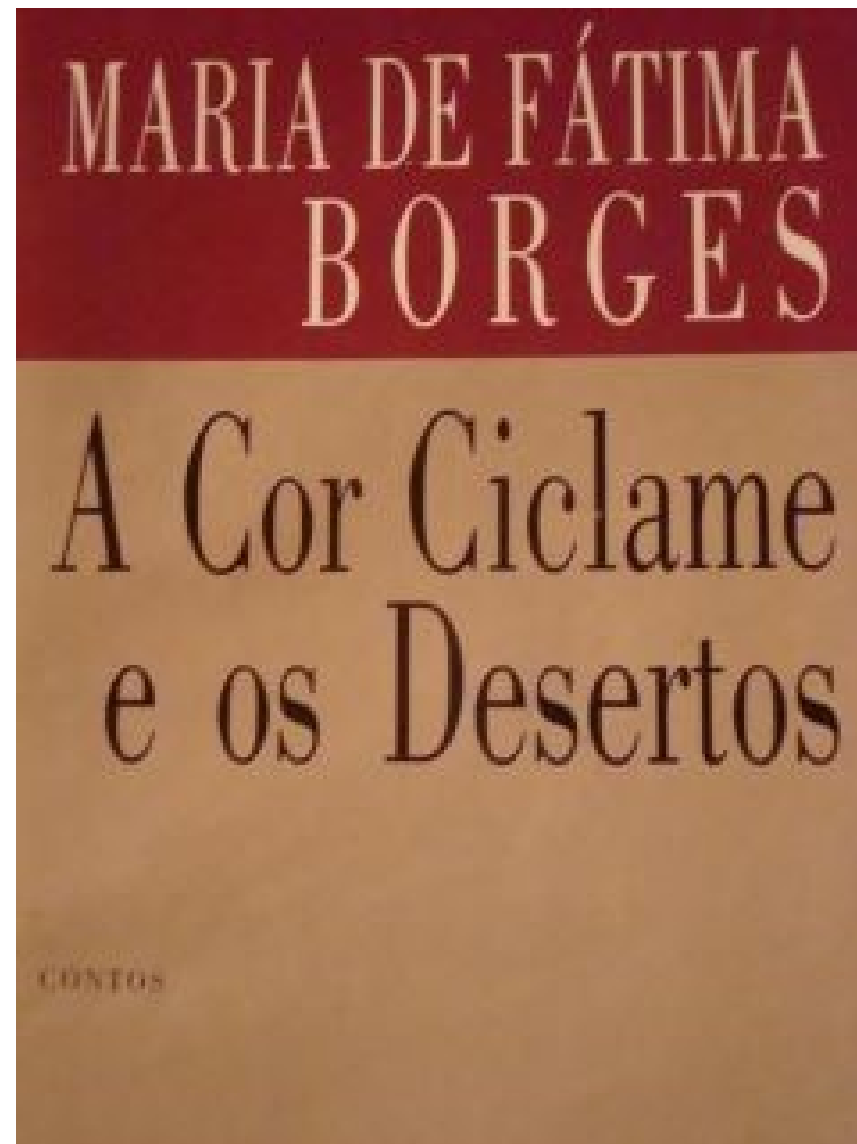
Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a **BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE** com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exhaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nestes Cadernos já se publicaram autores contemporâneos presentes nos colóquios: **Onésimo T. Almeida, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa, Eduíno de Jesus, Urbano Bettencourt e Eduardo Bettencourt Pinto**, além de nomes incontornáveis como **Álamo de Oliveira, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Onésimo T Almeida.**

Hoje é a vez de Maria de Fátima Borges.

² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino





Igreja de Conceição

Maria de Fátima do Rego Borges nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia da Conceição, concelho de Ribeira Grande. Completou os seus estudos secundários em Ponta Delgada. Em 1961 ingressou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e em 1976 na Universidade dos Açores, onde obteve a Licenciatura em Estudos Portugueses e Ingleses.

Desde então e até 2002, foi Assistente Convidada da Universidade dos Açores, onde lecionou a cadeira de Cultura Portuguesa. Também foi funcionária no setor bancário. Além da obra agora publicada, "Vai Chover Amanhã", com textos muito belos de categorias diversas, é também autora do livro de contos "A Cor Cíclame e os Desertos". Esta autora está incluída, referenciada e estudada em várias antologias. vive na sua "casa-museu" na Ribeira Grande, cheia de móveis antigos e outras relíquias de família, sendo que o próprio edifício é também muito antigo, guarda recordações de várias gerações da mesma família e certamente que é uma fonte de inspiração e um local apropriado para a sua última criação literária em 2018 "Vai Chover Amanhã"

AUTORA ANTOLOGIADA EM:

Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, org. João de Melo, Lisboa, Veja, 1978

27 Erzähler Aus Portugal, Berlim, Verlag Folk und Welt, 1993

Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, ed. Calendário de Letras, 2011, V. N. de Gaia

BIBLIOGRAFIA:

1. (1978) in Melo. J.; *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, sécs. XIX e XX*. Lisboa. Vega: pref. 92 e segs.
2. (1979) in Carvalho, R. G.; *Antologia Poética dos Açores*. Angra. SREC 2: 365
3. (1989). *A cor cíclame e os desertos, contos*. Lisboa. Ed. Cotovia
4. (1993) in *27 Erzähler Aus Portugal*. Berlim. Verlag Folk und Welt
5. (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
6. (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
7. (2018) *Vai chover amanhã*, ed. autor

COLABOROU NAS SEGUINTE REVISTAS:

Arquipélago, Universidade dos Açores, Ponta Delgada

Quimera, Barcelona

As Escadas não têm Degraus, Lisboa

Revista K, Lisboa

Telhados de Vidro, Lisboa

Publicou contos e crónicas no jornal Independente, Lisboa, e em diversos jornais locais.







1. VAI CHOVER AMANHÃ

Se não tudo, pelo menos grande parte do que nos foi acontecendo se desvirtua de cada vez que a lembrança desta ou daquela situação nos entretém. Por muito fidedignas que, num primeiro momento, julguemos ser as versões de acontecimentos antigos que a nós próprios contamos, depressa começamos a desconfiar de que os

diluímos, efabulando pormenores e intenções por desforra ou desfrute, embora a maior parte das vezes sem darmos conta de qualquer razão, se é que tem que haver alguma. Não sendo fiáveis, as evocações expandem ou cerceiam aquilo de que se alimentam, ignorando escrúpulos de rigor e tomando o alvedrio por justeza.

Por isso não vou jurar que a rua fosse tão estreita como agora me parece e que as casas apresentassem a circunspeção decadente que me leva a julgar mais mofinos os seus habitantes. Poucos, de resto, porque boa parte dessa rua, de ambos os lados, era constituída por muros de pedra solta, uns mais altos do que outros, que delimitavam quintais onde tudo se cultivava, desde a melancia ao tremoço. No nosso, não. O espaço mal chegava para os araçazeiros que não davam trabalho, as obrigatórias hidrâneas e aquela árvore de altos ramos orvalhados de flores vermelhas que, em caindo, incendiavam o chão.

-Não as pises – repetia, como se fosse necessário.

Ao domingo, com a mãe ao piano, a vizinha aprendiz de canto entoava trechos conhecidos, esforçando-se por iludir, com notável persistência e escasso proveito, a incompatibilidade da sua voz com os sons mais graves.

Do seu não muito vasto repertório, ainda penso que ouço o insistente queixume de um dos Scarlatti:

“O cessate di piagar mi
O lasciate mi morir”

que, naquela altura, me incomodava como uma espécie de premonição cuja eficácia me recusava admitir tanto quanto me permitia supor que resultasse, considerando o que fui sendo e continuaria a ser até ao momento final, àquele sem retorno que, no fundo, desde o princípio, se suspeita que irá chegar.

Nunca se soube ao certo de onde tinham vindo aquelas duas criaturas. A maledicência local insinuou razões duvidosas sobre a ausência de um marido que se supôs militar, chegando mais tarde a suspeitar-se de que não tivesse existido como tal. Saíam de casa sempre juntas. A sua maneira de vestir, demasiado festiva em cores e modelos e o modo como a todos dirigiam dissimulados sorrisos e saudações dengosas foram interpretados como sinais de comportamentos anteriores mais soltos do que os que se tinham em boa conta numa terra de licenças secretas e arremedos precavidos.

Ao princípio, mais na mãe do que na filha, fora este descomediamento, chamemos-lhe assim, tomado por donas de casa como assédio e por maridos e filhos mais velhos como novidade suscitadora de curiosidades e complacências. O tempo encarregar-se-ia de demonstrar as para alguns temidas e para outros ansiadas conclusões.

Passados tantos anos aqui estamos, por acaso sentados ao lado um do outro nesta sala de espera, condenados (ou não) a permanecer numa proximidade até há pouco tempo improvável, posto que imaginadamente possível, porque, na verdade, em tudo se tem que acreditar, por muito estranho que, de repente, se considere.

A empregada previu meia hora, mas as empregadas dos consultórios nunca podem ter a certeza dos atrasos dos médicos a quem poderão surgir complicações intermináveis. Se decidi esperar, foi porque tive os meus motivos, pensando que uma oportunidade perdida poderá sê-lo para sempre e que já tinham sido suficientes ou até demasiados os arrependimentos de impedir que as coisas acontecessem, boas ou más.

Se é verdade que tudo se perde, sobre ao menos a ilusão de fazermos com que um pouco de tempo se aproveite enquanto passa, sendo certo que mais tarde poderemos recordá-lo, adulterando-o, não interessa, como alguma coisa que partiu de nós e não como aquilo que outros terão feito ou apenas contado, fantasiosamente também.

Assim como me lembro da casa, fresca no verão e confortável no inverno.

Duas das paredes da sala estavam cobertas de livros e por detrás deles havia outros, porque a profundidade das prateleiras permitia que se ocultassem as lombadas mais coloridas e vulgares ou as obras que nunca mais ou raramente seriam consultadas, não tendo havido a coragem de as pôr no lixo.

Nos intervalos entre as janelas, reproduções de Renoir e Magritte. Do primeiro, “Les Liseuses”, que prendiam o meu olhar porque representavam, na serenidade das atitudes e na evanescência dos traços, o contraponto ao arrebatamento da praticante, entregue ao desamparo:

“Luci ingrata, dispietate
Piú del gelo e piú del marmi
Frede e sorde a’ miei martir”

O gato no colo dele.

Não é grande o espaço onde nos encontramos e o atraso do médico levou a que todas as cadeiras se encontrassem ocupadas, exceto aquela em que, após alguma hesitação, me sentei.

Em alternativa, só me restava voltar para casa ou entrar no café mais próximo onde, sem dúvida, encontraria alguém com quem trocar algumas palavras sobre o noticiário da véspera, porque há sempre gente conhecida quando os nossos lugares para além de pequenos são poucos e por isso amiúde frequentados, a ponto de se saber, mesmo sem indagar, os conflitos, ou preocupações, ou apaziguamentos dos outros a quem até acabamos por confessar coisas breves, alheadas de compromissos, ocasiões havendo em que os assuntos surgem quando menos se espera, sucedendo-se por associação ou mera curiosidade.

Sentei-me, pois, na única cadeira disponível, ao seu lado, ao lado do meu tão grande, e tão antigo, e tão atribulado amor. Como dois estranhos ou nem tanto, porque as pessoas com quem se conviveu durante muito ou mesmo só algum tempo não se tornam literalmente estranhas. Há um elo qualquer que as aproxima tanto quanto as afasta. No momento da separação e nos outros que se seguiram, a nossa história, digamos, continuou a ser nossa e sê-lo-á até desaparecermos da face da terra, porque ambos (assim me disponho a acreditar) a contemos e a faríamos recomeçar se quiséssemos.

Reparo que traz sapatos de pala e gáspea entrançada, o que não deixa de me surpreender e só se justifica por comodismo ou desimportamento ou pela dificuldade que o reumático provoca de lidar com atacadores. Não calça os sapatos. Enfia neles os pés. O homem que está à minha frente também os tem de pala. É bem mais novo do que nós e detém-se na leitura de uma revista das que sempre existem nas salas de espera dos consultórios.

Ainda não me atrevo a cruzar as pernas, embora o cansaço de as ter direitas me aconselhasse a fazê-lo. Quando o fizer, o meu pé esquerdo poderá tocar na sua perna direita sem que deliberadamente o evite. Pedirei desculpa ou não? É que sei, ou julgo saber, ou talvez não me cumpra a mim saber que, no momento em que entrei nesta sala, terá calculado que me sentaria ali tão perto, aparentando, como constatei, observar as pessoas presentes, quando bem poderia estar já contendo lugares e tempos, gestos e frases pronunciadas no extremo da glória ou da dor, errando com alguma emoção pelo que se perdeu, ou aconteceu, ou não se acalentou.

Como poderei saber ao certo se, neste momento, também pensa no que penso, enquanto finjo interessar-me pelas fotografias que estão na parede mais próxima, chegando a franzir os olhos para lhe demonstrar que é este o meu único e afincado propósito, conquanto suspeite e no fundo até deseje que suponha o contrário?

A campainha, tão escusadamente estridente, do telefone na secretária da empregada levou a que alguns olhares para ela se voltassem. É então que verifico fugidamente que mantém os olhos semi-cerrados como quem descansa ou talvez como antigamente, para permitir que lhe observasse o declive do nariz, a curva da boca entre fissuras, os sulcos do tempo na testa, hoje mais acentuados, porém os mesmos.

-Mais meia hora – disse ela.

Junto à porta do alpendre, a árvore do fogo desprende as suas flores. Nunca viria a pisá-las. A partir de certa altura tive a impressão, a tender para a certeza, de que, mais cedo ou mais tarde, no interior dessa casa, haveria em todo o tempo outra mulher que o fizesse. Uma mulher ainda sem feições definidas, ocupada com atividades peregrinas, maquinando situações e advertências, atenta a todos os seus passos, anunciando ao longe e ao perto a sua rebarbativa presença. Talvez tricotasse ao serão, enquanto ele ouvisse o noticiário ou rellesse os poetas prediletos na sala, defronte das “Liseuses” e dos peixes e maçãs de Magritte.

Cruzo as pernas cuidadosamente. Há duas pacientes que conversam sobre os respetivos filhos. Uma outra interrompe o crochet e pergunta-me:

-Sabe como é que se chama a empregada?

-Creio que é Clementina, respondo.

Todavia, não se dirigiu à rapariga. Só quis a informação, naturalmente para mais tarde a utilizar, caso o médico se atrase demasiado, quando for adiar a consulta, achando que será mais simpático e eficaz tratar a empregada pelo nome. O homem da revista levantou-se e saiu. É possível que toda esta gente se vá embora, até porque, dentro de algum tempo, começará a anoitecer, o que implica a preparação de jantares e outras solitudes que as famílias esperam ou reclamam.

Um rapaz que entrou e saiu pouco depois, falou de um acidente na estrada do norte. Fora preciso desencarcerar o condutor que, na opinião dele, não deveria escapar com vida. Talvez a demora do médico esteja relacionada com este acidente e, se assim for, não sairemos daqui tão cedo. Quase defronte, com a mãe ao piano cheia da paciência que me faltava, a aprendiz de canto, já insidiosa ou talvez não, insistia:

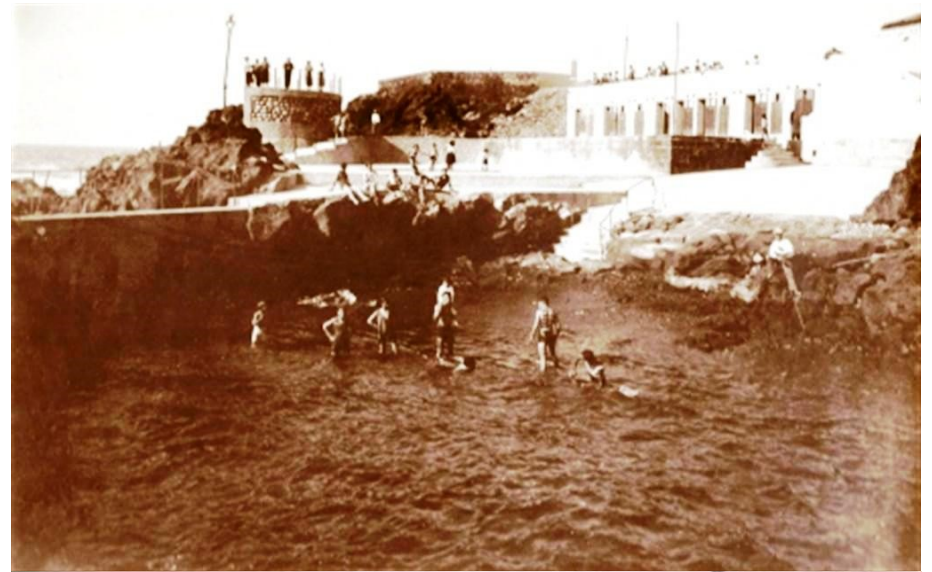
“piú del gelo e piú del marmi”, tal como aparentemente aqui nos encontramos juntos, acaso pela última vez nas nossas vidas a que a morte terá começado a acenar.

-Enquanto um de nós viver o outro existe, foi o que lhe disse na manhã em que saí de casa com o coração desfeito. Hoje vou voltar a sair sem perguntas nem respostas. Sei que o piano para lá foi, mas admito que ela deixasse de cantar há muito tempo, ocupada com vigílias e ofícios menores. Levanto-me com precaução, com a mesma subtileza com que lhe passava a mão pelos joelhos neste momento ainda tão à minha mercê e simultaneamente tão impossíveis de atingir, como a serra que já avisto à saída e onde se debruça um roldão de nuvens de cúmulos negros e cadilhos preguiçosos, num capricho que se desatende e alquebra.

Vai chover amanhã.

in Revista Telhados de Vidro.







2. A HERANÇA

A ligeireza com que se sai de uma pequena ilha é igual à facilidade com que nela se entra, mesmo quando apenas o mar era o caminho e o passaporte. De modo que nesta, onde vivo, houve sempre gente em exílio ou em férias, como também houve quem dela se perdesse, sobretudo num tempo de buscas sem apetrechos que lhes valessem. “Levou sumiço” era uma expressão usada em situações de infinda ausência, sem que nunca se viesse a saber o paradeiro de quem partira. Havia os casos de fuga por razões de que mais cedo ou mais tarde se tomava conhecimento, mas também havia desrazões ou pura e simplesmente a falta de umas e outras. Então a fuga não era bem fuga, já que se ignorava os motivos de uma atitude tomada à revelia tanto do plausível como do inverosímil.

“Levou sumiço” era, nestas circunstâncias, a expressão mais adequada e também a mais corrente. Houve inclusivamente uma família inteira que desapareceu da noite para o dia. Deixara a casa que as intempéries se encarregaram de arruinar, com tudo lá dentro. Nos guarda-fatos ficaram os vestidos das filhas (pelo menos fora deles que mais se falara) de seda e rendas – disseram – muito embora ninguém as tivesse visto com semelhante luxo na rua ou nas festas onde, de resto, só raramente apareciam sempre discretas e simples, como se o decoro e a formosura lhes bastassem. Nas gavetas, os lenços e a roupa miúda. No louceiro, as porcelanas. Houve mesmo quem afirmasse que o piano ficara aberto, com a partitura na estante.

Porque é que fugira Salomão da Cunha, levando consigo a família toda? Uma vez que a iniciativa só poderia ter partido dele e nunca de D. Aliah, menos ainda das cinco filhas do casal. Dívidas – diziam uns – conquanto nunca tivessem aparecido credores reclamantes. Ameaças – diziam outros – embora se tratasse de gente pacata sem inimigos conhecidos. Minha avó, conformada com a falta dos vizinhos, re-matava doce e repetidamente: “É porque eram errantes”.



O mar fora, pois, para estes como para tantos outros, a serventia da terra. Na verdade, o lugar onde se nasce é o que de mais fortuito nos acontece e o nascimento do conde não constituiu exceção: ocorrera num sítio que nem o pai nem a mãe haviam escolhido ou sequer pensado que existisse no mundo: a casa da minha bisavó Luiza Adelaide que, na altura, alugava as divisões disponíveis a gente forasteira desde que recomendada. Nasceria o conde precisamente no quarto que hoje, como então, se situa no extremo da ala esquerda, com janela que logra o pequeno pátio cercado de altos muros onde a mesma bignónia afogueada floresce. Se não é ela, é outra igual.

Acontece que só um pouco mais tarde se veio a saber que aquela criança era conde, posto que a legitimidade do título permanecesse até hoje duvidosa. Nunca ninguém teve a coragem ou sequer a disposição de consultar anais que deslindassem mistérios em que se queria acreditar, tanto mais que, para minha bisavó, mais valia ter em casa um conde indefinidamente provável do que um plebeu declarado a termo. A partir de determinada altura, por conclusões tiradas de indícios vários, o ponto ficou assente: era conde. A fotografia do presuntivo pai, que nunca se chegou a conhecer pessoalmente, adquiriu um alcance maior do que a rigorosa fixação de ascendências. A figura da mãe, que tão subtilmente insinuava fidalguias velhas, selava certidões de sangue. O menino era o conde que faziam dele, por meios dúbios, é certo, mas quantos boatos se não confirmam com o tempo que sobre eles decorre? Ser conde a prazo não é sê-lo já?

Sem esforço, a forma de tratamento popularizou-se na pequena cidade e como a mãe aquiescesse (aquiescia sempre ao que se lhe propunha, como se de generosidade extrema se tratasse) reverteu a favor dela o dom de uma por certo nobre maternidade. Tão nobre quanto decadente ou, por ser decadente, como que mais nobre ainda.

O atraso cada vez maior no pagamento do aluguer e a tolerância de Luiza Adelaide que desde logo se afeiçoara à criança, ajudaram a criar um clima de parentesco muito próximo que não obviou (antes terá favorecido) a que vinte anos mais tarde, este conde casasse com

minha avó. E assim, quer quisesse quer não, fiquei descendente dele e, claro, do senhor seu pai.

-É do Minho, de onde vim – foi o que disse minha avó quando já não podia esconder a gravidez que a levava do Minho para longes terras, tão menina e tão moça como a outra.

Segundo o que, sem grande esforço, apurei, minha avó chegou a esta ilha no princípio do século XX e aqui ficou até morrer, zelando a sua virtude. Aquando da Segunda Grande Guerra terá ajudado a colar tiras de papel de jornal nos vidros das janelas desta casa (que não são poucas). As mesmas por onde agora avisto a bignónia afogueada e o pátio hoje transformado em jardim onde o meu descuido permite o vigor da junça, mas também onde o meu relativo cuidado deixa que cresçam algumas roseiras. Resistiu ao fascínio das fardas que se passeavam na rua. Fardas que chegaram tão facilmente como se foram, porque o mar era a serventia da terra.

Mantenho na sala o retrato do casamento de minha avó, ou melhor, da noiva apenas, porque alguém terá feito desaparecer a figura do noivo, ou então foi ele que recusou deixar-se fotografar por negligência ou acinte. Usurpara dos outros o daguerreótipo que sabia que iria sobreviver num depois que aquele agora já continha. Não fora a vida de meu avô uma fuga constante, ora negligente, ora porfiada em direção ao esquecimento? Embora ausente do retrato, a presença do conde é mais do que evidente, como a de alguém que no ato de se perder se avanta, não propriamente em contornos e feições, mas em possibilidade a que a nossa imaginação não consegue renunciar. Ao lado do retrato num vaso de porcelana sem cor definida, ainda se encontra a flor de laranjeira feita em cera que ornamentou o toucado da noiva. Se há coisas que condizem com outras, o nosso dever é juntá-las e, pela razão contrária (ou pela mesma?) retirei o meu retrato desta mesa. É que nunca cheguei a descobrir afinidades entre este casal e a minha rude pessoa. E a minha simples pessoa, quero eu dizer.

Meu avô sempre foi um homem aproximado de fatalidades desde o seu nascimento, desde a mãe escoraçada e do pai que se supunha ter sido o instrumento fatal de um desfecho triste. Tinha as mãos demasiado longas e escuras, como se talhadas para estrangulamentos secretos. Entre os dentes, que já conheci negros, metade de um charuto apagado impedia que falasse como as outras pessoas, que sorrisse como as outras pessoas, que, ao menos, beijasse as crianças. Sempre trouxe a austeridade de quem defendia, com força impositiva, um estatuto que sabia precário. A última vez que o vi tinha eu catorze anos. Nesse tempo, dedicava-se ao restauro de miniaturas com um fervor que lhe esgotava a paciência para as coisas vivas do mundo, já que o gosto pelo velho e o desdém pelo novo constituíam um novelo sem pontas de que resultavam a hostilidade em relação a quem não partilhava dos seus afetos e aversões e, por outro lado, a indiferença ou a desconfiança em relação àqueles que mostravam interesse pela sua arte.

Este conde, posto que fizesse parte da família de jure e de facto era para mim como se não fizesse, porque se me foi acentuando a impressão de que não passava de mais uma peça de museu entre as poucas que para si reservava, encontrada no acaso de uma feira dos arredores e trazida para casa pelo sim e pelo não.

Além disso, que afinidades poderia eu ter com minha avó? Órfã de pai aos três meses, crescera como flor de estufa entre minha bisavó e a sua mãe, herdando da primeira a bondade e adotando da segunda o apagamento de gestos e a tendência para emitir opiniões inócuas. Esta mistura acabou por fazer dos dois filhos que teve dois selvagens que bem a tempo emigraram para o Brasil e, ao que parece, nada teve a ver com a filha, essa espécie de anjo tutelar que, com a ajuda do marido, meu pai, até resgatou as hipotecas. Porque é que me lembro disto agora? Naturalmente porque nesta casa não existe mais ninguém e não se ouve nada a não ser o barulho do mar, ou seja, a serventia dela, hoje um pouco alterado por causa do vento, embora não dê por ele, apenas sabendo que existe sobretudo nos

sítios mais altos. Naturalmente porque lembrar não exige grande esforço e é lembrando que nos sentimos mais sós ou menos sós, conforme convém ao feitio de cada momento.

Quando fiz quinze anos ninguém estranhou que, no jantar, meu avô não estivesse presente, habituados que estávamos aos seus retiros na oficina e aos passeios que dava ao fim da tarde, por cujo destino não valia a pena perguntar.

Durante anos nenhuma notícia chegou até nós e a preocupação sobre o que tivesse acontecido ao conde acabou por transformar-se em alívio, já que o seu comportamento, desde muito antes da fuga, anulava as razões da mágoa. Minha avó, docemente, responsabilizou o destino. Aos serões, continuaram as conversas descontínuas que nunca chegavam a envolver as pessoas naquilo que diziam e no interior de cada um meu avô passou a ser imaginado onde não seria possível imaginá-lo: na oficina onde meticulosamente colava, polia, retocava, entregue a si próprio, medindo os seus gestos e o seu poder, tão atento ao que era e tão distante do que os outros tentavam ser. Algures no mundo estaria o conde, a fazer o mesmo ou outra coisa qualquer, respirando, talvez a pensar – pouco – no que deixara, na ilha onde por acaso nascera e – estou quase certa – sempre desprezara no fundo do seu coração.

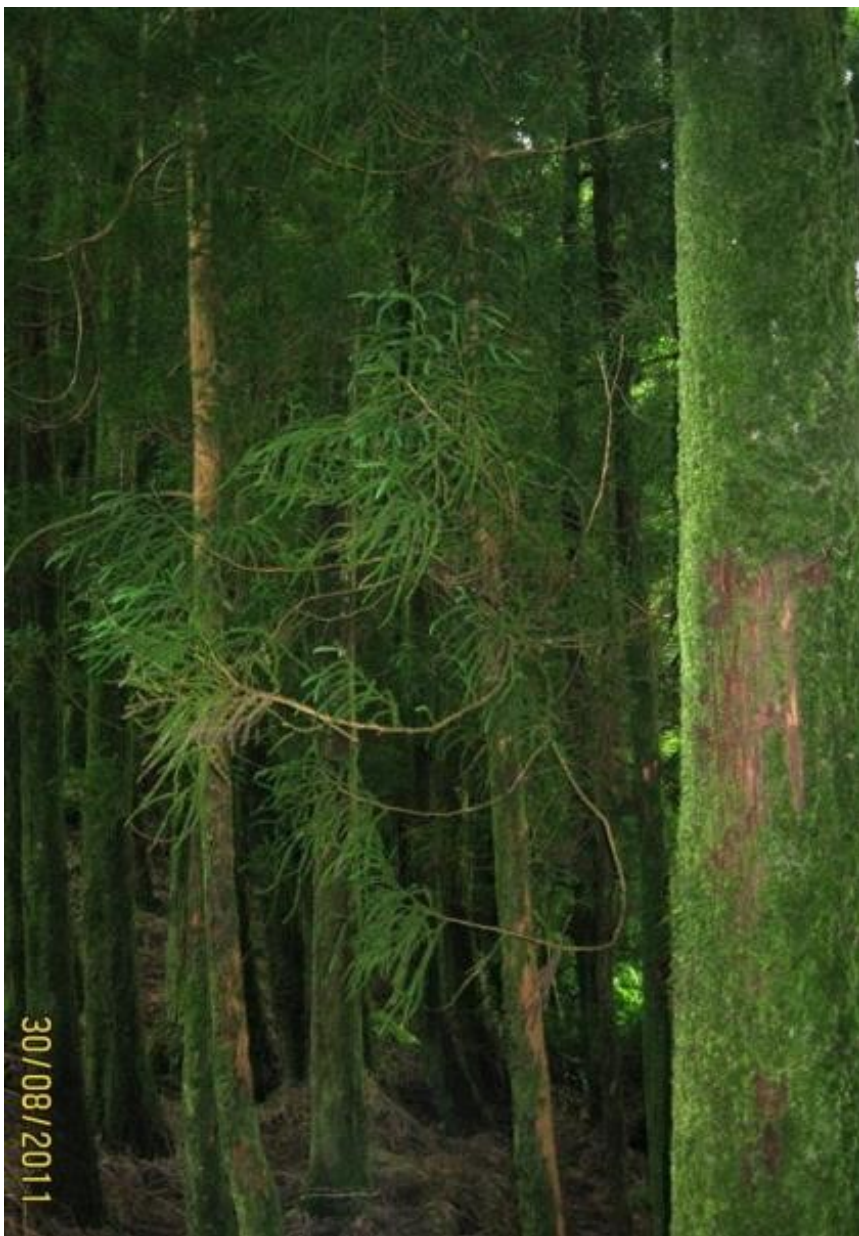
Não passou de um nome numa carta a participar o falecimento do conde: “o estojo que segue, encontrei-o numa das gavetas de meu pai com a recomendação de vos ser enviado após a morte dele”. O pacote não trazia remetente e o carimbo dos correios era ilegível.

Ao retrato do casamento de minha avó e à flor de laranjeira juntei o estojo que contém cinco crucifixos de marfim, com a recomendação de ser entregue à minha filha após a minha morte.

É tão leve quanto isso a herança que enigmáticos liames conduziram, como se fossem alheios. Como se fossem nossos.

in Revista Telhados de Vidro.





3. DIOTILDE DA ASSOMADA, VIRGEM E MÁRTIR

Vista de longe, a elevação maior mal sobressai por entre tantos volumes com casario disperso, mas o que distingue esta das outras é a pequena ermida a meio da assomada, com a minúscula torre sineira a que sempre faltou o sino. Construída há cerca de cem anos a expensas do proprietário do terreno, começou por ser objeto de contestação por parte da vizinhança que não encontrava justificação para aquela homenagem a quem apenas morrera em odor de santidade, e esta circunstância de morte poderia envolver qualquer um que, durante a vida, sobretudo no final dela, se comportasse com a caridade e a paciência públicas que a comunidade considera maiores. Aos poucos, porém, vulgarizou-se o hábito de rezar à alma de Diotilde para a obtenção de chuva ou de sol, de saúde ou de bens e de outros pequenos sucessos familiares. O resultado das preces, mais do que outros comprovantes, criou à volta desta mulher a auréola sobre que nenhum papa se pronunciou, pela simples razão de que, neste caso, a presumível bula correspondia a um presuntivo indulto. Não havia necessidade de processos de tão morosa resolução quando a crença popular os substituíra com vantagem.



Quem fora, afinal, Diotilde da Assomada? Última filha de um grupo de nove, nasceu quando se soube que o Governo impediu que Beresford, vindo do Brasil, desembarcasse na Junqueira. O pai, anticonstitucionalista convicto, ao saber do acontecimento, desceu a azinhaga que desembocava na freguesia mais próxima para comentar a novidade com os correligionários, deixando a mulher em adiantado trabalho de parto. Deste modo se aquilatam as prioridades de um homem para quem a família constituía uma obrigação menor, cujo proveito se confundia com a aceitação de serviços prestados, contra o alimento indispensável e a escassa roupa.

Dizia-se que num velho contador guardava os dobrões do Senhor D. João V, que lhe deixara o avô. Até perder de vista, para o lado poente do monte onde vivia, eram do pai de Diotilde aquele trigo ondulante e os favais de flor tão clara. Do lado nascente, a pesada extensão dos frutos. Sendo aquele monte a sua mesa e o contador o seu tesouro, o pai de Diotilde jamais apresentou sinais de contentamento semelhantes aos que as vitórias absolutistas lhe provocaram, atitude que, em parte, se devia à falta de um filho varão que mais tarde defendesse a causa. Assim, antecipava em si e com juro vindouros que legitimamente do seu sangue reclamasse, numa espécie de ganância a que se misturava o desprezo por sua mulher, considerada responsável pela descendência amorfa de nove meninas, cujo horizonte se confinava ao espaço doméstico cada dia mais estreito. Com os genros, ainda tão distantes, contava pouco, a menos que Lomelina, a mais velha e que dos olhos do pai herdara a cor e a miudeza, redimisse a honra da família, através de um marido salvador. Dos outros genros que poderia esperar? Fossem o que fossem, desde que, abastados, não pertencessem à família do morgado inimigo, o qual, segundo se disse mais tarde, fora o primeiro a içar a bandeira de D. Maria da Glória, ainda antes de se decidir o triunfo da batalha da Ladeira da Velha. O abraço que lhe dera o então Conde de Vila Flor selara para sempre o ódio que a este morgado liberal votava o pai de Diotilde que, a partir desta altura, projetou assassinar se não o próprio vizinho, ao menos o seu mais fiel servidor.

Mas quem fora, afinal, Diotilde da Assomada? De compleição frágil e perfil delicado, a primeira fotografia mostra-a de mãos pousadas sobre o colo, fechada num vestido que parece de bombazina, os austeros bandós a estreitar-lhe ainda mais o rosto de lábios imperceptíveis. Não há dúvida de que, pelo menos nesta fotografia, apresenta uma expressão altaneira. Nunca percebi porque é que, na ermida, a pequena imagem que dela fez um santeiro do lugar a representa de modo tão diverso: loura quando não era, angelical quando certamente não fora, coberta de panejamentos que a remontam a épocas muito anteriores. É esta a imagem que serviu de modelo a todas as outras que não são muitas. No rebordo da peanha de barro pintado, pode ler-se: “Diotilde da Assomada, Virgem e Mártir”. Questionar estas duas categorias é problema por demais temeroso, e se ainda hoje alguém o faz, reserva-se o dever ou o pudor de conservar na intimidade do seu coração as dúvidas que se lhe possam surgir. O martírio de Diotilde poderá ser a resposta à virgindade a que se sentiu coagida, quer por vontade paterna, quer pela espécie de viuvez em que começou a viver após o crime.

Em chegando aos ouvidos do Morgado da Assomada o interesse que o primogénito do vizinho nutria por Diotilde, logo o desmesurado pai preveniu a filha da impossibilidade do casamento, ameaçando-a com cativos conventuais. Diotilde, calada, ouviu o pai, omitindo promessas, como cumpria a quem a paixão contrariada fortalecia a capacidade de fingimento. O abusado fidalgo continuaria a perseguir Diotilde a respeitável distância, e até é possível que desistisse do cometimento, não fora a ajuda do seu mais fiel servidor que, em lugares estratégicos, trocava a correspondência. Até que, numa noite de Natal, após a Consoada, Diotilde abriu a janela do seu quarto sem qualquer intenção de apreciar as estrelas. Não contou, porém, com a vigilância do morgado seu pai que, através dos buxeiros mais próximos, alvejou quem, já a meio da escada, se preparava para roubar a Diotilde as duas categorias pelas quais passou a ser mais do que conhecida, venerada. A donzela, inconsolável, fechou-se três dias a pão e água, tempo suficiente para concluir que os mais fiéis servidores po-

dem trair a confiança de quem servem. Se, dos 18 aos 50 anos conheceu outro homem, nunca ninguém soube ao certo, até porque, à versão que a dava como louca, respondia a que a dava como santa, sendo certo que entre as duas a diferença de sentido não se faz, por causa da inocência que só o uso da razão acomete. Embiocada e silenciosa, raramente saía, dedicando-se aos filhos da irmã Lomelina, a jejuns e penitências sem causa aparente, a menos que tomasse sobre si o desagravo de culpas alheias. Todos os anos, na noite de Natal e após a Consoada, abria a janela do seu quarto, que só fechava no dia seguinte. A morte dos pais deixou-a indiferente, e à medida que as irmãs foram saindo de casa, se foi recolhendo mais nela Diotilde.

A ermida que hoje se vê no monte foi mandada erigir pelo marido de Lomelina, a insistente pedido desta, já farta de receber a visita de pessoas do lugar e arredores que, após a morte de Diotilde, queriam ver o quarto onde exalara o último suspiro, tocar nos objetos que lhe pertenceram, não raro pedindo um retalhinho da roupa que usara.

-Embora nas nossas terras, mas afastada da casa, a ermida aliviar-nos-á desta responsabilidade.

- Dissera Lomelina, querendo referir-se à maçada de receber a fé e a má-fé de quem reclamava mais uma santa ou de quem buscava se não argumentos ao menos sinais que pusessem em causa a bem aventurança da defunta.

É, de certo modo, uma ermida suspeita. A encimar a única porta voltada ao norte, há uma pequena janela de vitrais, cuja disposição permitiu, aos que se dizem iniciados, leituras controversas. Sobre o altar de cantaria, a imagem de Diotilde, que não tem mais do que sessenta centímetros de altura, é iluminada pela única janela lateral, de vidros amarelos. Apesar da pequena estatura, destaca-se do painel que lhe serve de fundo. Teria sido pintado de azul com arremedos de nuvens brancas, este painel, mas hoje é apenas uma superfície de cinzento quase uniforme. A grade que divide a nave do altar tem falta de balaústres, mas intacta se conserva, para meu espanto, a caixinha das esmolas. O chão de lájeas que a humidade manchou de claro, tem um aspeto sidério que surpreende e quase sufoca. Cheira a mofo,

a ervas secas, a resíduos de gravetos apodrecidos a que se acrescenta ainda uma doçura como aquela que existe em certas flores.

- E Lomelina? – pergunto.
- Também morreu de peste.
- E os filhos e os netos?
- Emigraram como os outros todos.

Do lote que me proponho adquirir faz parte esta ermida, assim como a casa onde nasceu Diotilde, que também já visitei. Tem salas muito grandes sem comunicação entre si. O que resta da mobília resume-se a peças desencontradas. Lá está o contador de gavetas perdidas, onde o Morgado da Assomada teria escondido os dobrões que, segundo os devotos da filha, foram por ela distribuídos aos pobres. Onde havia fruta há uma espécie de mato, e o trigo foi substituído por erva à mercê de gado alheio.

Quanto ao culto da santa, dizem-me que esmoreceu desde que as populações das redondezas decidiram trocar a carestia local pela abundância da Califórnia. Vendidas as casas do vale a gente estranha que apenas procurou um meio de fugir ao bulício e calor da cidade, a lembrar Diotilde praticamente só restam a ermida, a casa e, segundo meia dúzia de pessoas mais idosas, o seu vulto claro vagueando por entre as tílias que ainda projetam sombras na frontaria do prédio, e sob as quais se sentaram, cansadas de brincar, as nove filhas do morgado.

Ao contrário do que sucede com os santos encartados, no caso de Diotilde, duas ou três gerações não foram suficientes para perpetuar uma devoção contra a qual, de resto, tantos padres ergueram a voz. É um monte silencioso e arruinado este onde me encontro. Reparando que se faz tarde, lanço um rápido olhar às tílias que a despedida do sol ilumina pouco. Para além do declive, o mar calado é, por estranho que pareça, a melhor garantia de que me encontro segura onde estou. O mediador que me acompanha, certamente julgando o

contrário, termina a sua garrulice afiançando-me que aqui não há fantasmas, e aponta as tílias que uma aragem mais forte suavemente agita.

- Mesmo que houvesse, senhor Lopes, mesmo que houvesse ...
- É tudo o que consigo responder.

IN PULSAR, SUPLEMENTO LITERÁRIO, JORNAL AÇORIANO ORIENTAL.



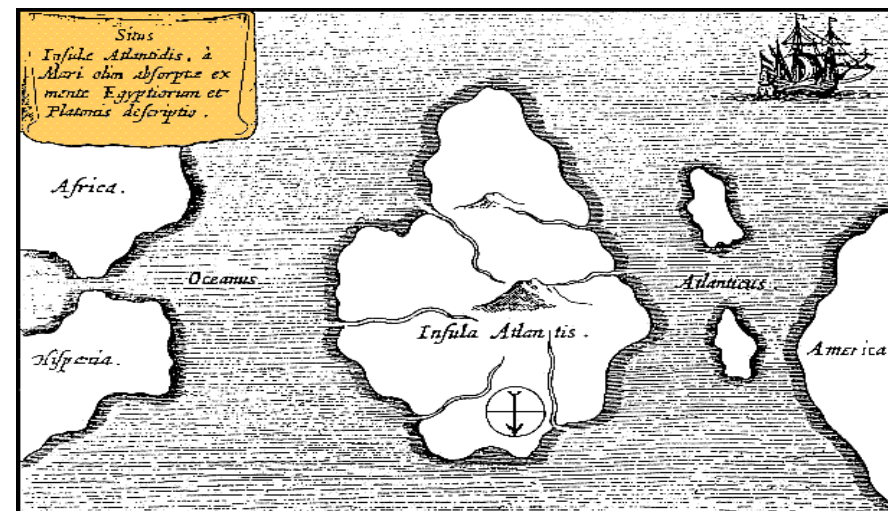




CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 14 - EDIÇÃO março 2012

MARIA DE FÁTIMA BORGES



Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por ©™ COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)